



XIX ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR
Blumenau - SC - Brasil

MODALIDADES DE PLANEJAMENTO: SUAS U-TOPIAS E U-CRONIAS EM ARTICULAÇÕES
DISCURSIVAS, CONCRETAS E RADICAIS

Rainer Randolph (IPPUR/UFRJ) - rainer.randolph@gmail.com

Dr. em Ciências Econômicas e Sociais, Prof. Titular aposentado da UFRJ, Prof. permanente no PPGPUR/IPPUR

Modalidades de planejamento: suas u-topias e u-cronias em articulações discursivas, concretas e radicais

1. INTRODUÇÃO

O presente texto pretende adiantar indícios como a relação e articulação entre espaço e tempo pode ser considerada uma das principais características de diferentes modalidades de planejamento (público). Apesar de parecer se tratar de uma obviedade, um olhar mais próximo e profundo mostrará a importância da diferença que essas relações assumem em três diferentes formas de planejamento. Será, especialmente, a estruturação intrínseca de suas análises e perspectivas de cada uma que influencia quais potencialidades de futuros possíveis serão contempladas nos processos de sua realização. Ao influenciar o reconhecimento da acessibilidade de potencialidades do presente, determina, em certa medida, também seus possíveis resultados.

Em outras palavras, por um lado o planejamento pode ser caracterizado por ações que partem da rejeição de situações presentes para alcançar um (ainda) não-lugar desejado; sua u-topia. A fim de superar a implícita visão de um tempo cronológico-linear da ação planejadora e conseguir explicitar melhor a mencionada articulação entre (não) espaço e (não) tempo, é preciso estender a rejeição do presente também ao passado o que o torna um não-tempo; uma a-cronia. Ou seja, rejeitar aquilo que, no passado, aconteceu; desejar uma história diferente. Trata-se, aparentemente de uma problemática complexa cuja abordagem só pode ser colocada aqui – até pelo espaço exíguo – como convite à discussão com relação a três diferentes modalidades de planejamento.

O raciocínio do presente ensaio será desenvolvido em três passos: inicialmente serão caracterizadas numa visão sintética e comparativa as três modalidades de planejamento que constituem a referência para a presente discussão nos seus recortes conceitual-analítico-instrumentais como *discursivo*, *concreto* e *radical*. No passo seguinte, será debatida como especialmente a noção da “qualidade” do tempo distingue essas modalidades como utopias abstratas e concretas. Para finalmente buscar superar a perspectiva do tempo abstrato, linear por uma visão “qualitativa” que está (ou deveria estar) orientando um planejamento com múltiplas espaço-tempos.

2. TRÊS MODALIDADES DE PLANEJAMENTO: DISCURSIVA, CONCRETA E RADICAL E SUAS CARACTERÍSTICAS EM RELAÇÃO A PRESENTE E FUTURO.

Qualquer planejamento e ação planejadora parte do reconhecimento de uma discrepância entre um estado atual e um estado desejado. Esta “distância” entre uma presente realidade e uma desejada no futuro pode ter as mais diversas expressões, características e qualidades. Se não deva ter muita discordância entre cientistas e mesmo do senso comum em contemplar o “futuro” como um elemento essencial para qualquer ação de planejamento, suas diferentes modalidades mostram diferenças e até divergências em relação ao significado deste “futuro” na sua incorporação ao planejamento.

Em relação às três modalidades acima mencionadas, a chamada “*modalidade discursiva*” – o planejamento como produção de um discurso - ao incorporar

elementos da Teoria de Ação Comunicativa de Habermas, Forester (1993; com artigos da década de 80) faz uma crítica rigorosa a todas as abordagens instrumentalistas cujos objetivos, muitas vezes velado, são a mera reprodução (até “ampliada”) do status quo; mas propõe, também, formatos alternativos que redefinem as relações entre os agentes envolvidos nestes processos.

Na base das formulações de Forester, a oposição a vertentes instrumentalistas e estratégicas vai ser explicitada por Patsy Healey (1993) por meio de uma série de elementos constituintes de um processo de planejamento comunicativo ou, como a chama mais tarde, colaborativo (HEALEY 2003). Seu elemento básico é o debate e a busca pelo consenso. Innes e Booher (1999) observam mais tarde o uso crescente dessa modalidade comunicativa do planejamento para lidar com problemas de fragmentação social e política, de compartilhamento de poder compartilhado e de valores conflitantes (INNES, BOOHER 1999).

Estes processos de geração de consenso não dizem respeito apenas à concordância dos envolvidos no planejamento – inclusive dos assim chamados “stakeholders” -, mas exigem experimentação, aprendizado, mudança e a produção de significados compartilhados. Esta vertente está representada na primeira coluna no QUADRO 1 abaixo.

Neste mesmo QUADRO, na segunda coluna, encontram-se as características de uma *modalidade chamada de “concreta”* porque procura incorporar, sem negar elementos discursivos, como espaço ou território ao planejamento sob condições de conflitos e contradições de caráter material/concreta. Há abordagens mais específicas de planejamento nas quais o espaço social como produto social é este o de conflitos e onde perspectivas territoriais de presencialidades e futuridade estão voltadas a questões do uso e da apropriação do território, conflitos em relação a transformações do espaço no sentido de sua comercialização com o efeito de torna-lo abstrato e mercadoria a mercê do capital e outras que não podem ser discutidas aqui.

Uma apropriação da concepção de Lefebvre (1991) do espaço social como produto social altera tanto o quadro de contradições que estão na base dessa modalidade como as realidades com situações de conflitos (presencialidades) que se manifestam em relação à apropriação territorial.

Ao avançar para a *modalidade radical ou subversiva* os conflitos envolvidos mudam, novamente, de qualidade – vide a terceira coluna no QUADRO I abaixo - à medida que o espaço-tempo vai se mostrar como elemento chave da sua caracterização. Ao se referir a diferença entre ações insurgentes e subversivas, pode se dizer que se as primeiras acontecem em “momentos fora do tempo”, as segundas “não só estão ‘dentro do tempo’, mas contribuem, substancialmente, para a ‘(re)construção do tempo’, pois estão imbricadas *nas* e dependentes, inseparavelmente, *das* contradições fundamentais da sociedade” (RANDOLPH 2019). Sem poder aprofundar aqui esse raciocínio, essa compreensão do caráter dessa modalidade de uma outra relação do “espaço-tempo” no planejamento pode ser articulada, por ora, às sociologias das ausências e sociologias das emergências de Boaventura de Souza Santos (2003, 2004).

As principais contradições no mundo contemporâneo são aqui compreendidas como luta entre globalização neoliberal e movimentos sociais e ONGs, que, sob domínio da primeira, acarreta um enorme desperdício de experiências sociais (cotidianas).

Como já anunciado, uma representação dessas três modalidades se encontra no QUADRO I com a indicação das modalidades na primeira linha horizontal.

QUADRO I

Características em relação a:	1. Intenção de consenso/consentimento (vertentes discursivas)	2. Conflitos sócio-espaciais de poder (vertentes concretas)	3. Crítica à estrutura das condições sócio-políticas (vertentes radicais/subversivas)
Posicionamento PRESENTE em relação a contradições e conflitos - topos			
1. Origem	Sistemas vs. Mundo da Vida ou Núcleo do sistema político vs. Periferias sócio-políticas	Representação do espaço vs. espaços de representação (vs. Práticas espaciais – Tríade)	Globalização neoliberal vs. luta de movimentos sociais e ONGs
2. Expressão	Colonização do mundo da vida pelos sistemas econômicos e administrativos	Dominação pelas concepções dos arquitetos, urbanistas e planejadores	Desperdício da riqueza de experiências sociais (particularmente fora do centro hegemônico)
3. Manifestações de situações de conflito/contradições	Instrumentalização de todas as manifestações sociais	Concepção abstrata do espaço	Concepção linear do tempo com aumento do futuro em detrimento ao presente
Posicionamento em relação presença/futuro de conflitos. forma de cronologia implícita			
1. suas causas	Razão comunicativa contra a razão instrumental; “descolonizar” o cotidiano	Lógica “underground” das expressões no cotidiano, nas artes etc. contra a lógica dominante	Razão cosmopolita contra a razão indolente (dominante no ocidente nos últimos 200 anos)
2. potencialidades presentes	Expressões no mundo da vida e na periferia do sistema sócio-político	Espaços de representação; corpo, cotidiano: espaço concreto	Criar espaço-tempo necessário para valorizar a experiência social
3. potencialidades futuras	Ressonância das demandas periféricas na esfera pública política	Fortalecimento do valor de uso do espaço e da sua vivência (espaço diferencial)	Combate à concepção linear do tempo: encolher o futuro - expandir o presente
Proposição para o futuro			
Modalidade do Planejamento	Contribuição para limitar e reduzir a influência da razão instrumental ao fortalecer o poder comunicativo na sociedade	Enfraquecer o espaço abstrato ao fortalecer o espaço diferencial (valor de uso do espaço)	Exercer a sociologia das ausências; sociologia das emergências

Elaboração própria

De alguma forma, as três modalidades aqui discutidas não devem ser compreendidas como modelos, diferentemente daqueles “modelos de planejamento” mencionados anteriormente. Nos três casos, essas modalidades estão voltadas a determinadas práticas cuja qualidades de presença e futuro decorrem de uma determinada compreensão do mundo contemporânea e uma profunda preocupação em buscar direções de sua transformação por meio da identificação no presente – na sua qualidade – as potencialidades para uma transformação no futuro; suas futuridades.

3. O PLANEJAMENTO E A REALIDADE DA UTOPIA

No quadro acima queríamos indicar, a *pluralidade de perspectivas de futuro* em relação às três modalidades. O que interessa no presente texto é a apropriação de Limonad do pensamento de Ernst Bloch a respeito da diferença entre utopia abstrata e concreta. Bloch,

... Por ter clareza de que o grau de objetividade ou de realidade de cada utopia é variável, assim como sua capacidade transformadora, procede, em um segundo momento, a uma diferenciação mais estrita com base em diversos parâmetros abordados adiante, ..., distinguindo o que caracteriza como utopia abstrata da utopia concreta (Limonad 2016, p. 9).

Uma utopia abstrata se caracteriza pelo fato de não ter se tornada realidade, ser um sonho, inconsciente, constituir

uma antevisão de um futuro finito, que demanda um plano que determine a ação social. Por não ser consciente e não possuir base no real, a utopia abstrata se constitui em uma impossibilidade, sem base e sem relação com o mundo vivido ela integra a esfera das manifestações ideológicas (LIMONAD 2016, p. 9)

A utopia concreta, como diz Bloch (2004), se diferencia do utopismo, “ ... En su concisión y nuevo rigor esta expresión significa tanto como órgano metódico para lo nuevo, condensación objetiva de lo que está por venir “¹ e se caracteriza por quatro aspectos entrelaçados: pluralidade, concepção do futuro, realidade da utopia e simultaneidade do pequeno e do grande.

Para Bloch a ideia de pluralidade da utopia é central e dela derivariam os outros aspectos. A pluralidade em si pressupõe a coexistência de diferentes tipos e formas de utopia. Essa natureza plural da utopia, em seu entender, teria por base a existência de uma consciência utópica, a saber um conjunto heterogêneo de preocupações utópicas principais, (LIMONAD 2016, p. 10, destaque nosso)

Com distintas manifestações nos diversos campos da vida social, Bloch compreende a utopia concreta como algo intrínseca à vida humana.

Expectativa, esperança, intenção em relação a possibilidades ainda não realizadas (ungeworden): isto é apenas um traço básico da consciência humana, mas, concretamente corrigido e compreendido, uma determinação básica da realidade objetiva como um todo (BLOCH 1964, p,5, apud LIMONAD 2016, p. 10).

Interessante observar como esta concepção da utopia se articula com aquela discussão no início do presente texto sobre “planejar” atividades no cotidiano.

¹ Bloch, 2004, p. 196

Sem querer acompanhar em detalhe esta discussão², para a presente argumentação é suficiente observar a perspectiva de Bloch sobre a “realidade da utopia” e o presente e as possibilidades objetivamente reais (*das objektiv-real Mögliche*). Essa articulação entre passado, presente e futuro que não pode ser aprofundada aqui, leva à questão do não-tempo do passado; da refuta dos acontecimentos e a identificação dos não-acontecimentos.

4. O PLANEJAMENTO E OS NÃO-ACONTECIMENTOS DO PASSADO

A u-chronia, um tempo que não existe, é considerado um subgênero da literatura, geralmente associado à Ficção Científica, cujas obras fazem referência a um período hipotético da história do nosso mundo. Diante das limitações deste texto serão apenas indicadas algumas observações iniciais a respeito da superação do tempo cronológico e da incorporação de um tempo acrônico ao planejamento a partir de colocação de Walter Benjamin numa interpretação de Penna (2021).

Conforme esta autora, em relação a Benjamin

a uchronia não se manifesta na imaginação sobre como as coisas poderiam ter sido, uma história contrafactual elaborada a partir de um certo “ponto de divergência” que inverteria a relação histórica entre vencedores e perdedores. O uchronia em Benjamin, se lança ao futuro e se torna utopia como projeto político, norteadorhorizonte da sociedade. Esta é uma forma característica e recorrente de relacionamento de movimentos social com o passado (PENNA, 2021, p. 129).

Ao desdobrar a menção de movimentos sociais da autora poderia ser realizada uma comparação com formas de falas (linguagem) em contextos de vida cotidiana onde se destacam “noções que sinalizam para eventos projetados a partir do momento de fala, ... uma *projeção hipotética [- certeza] que advém do conhecimento experiencial que o falante possui*” (OLIVEIRA 2019, p. 69, destaque nosso) e cuja expressão de futuro vão refletir a situação vivida do momento, das características de decisões tomadas (passadas) e de ações decorrentes. Assim, é de se esperar que no cotidiano não há uma nítida ou mesmo consciente separação entre “planejar” e “realizar” atividades. Experiência do passado, compreensão do presente e expectativa do futuro formam a base para ações cotidianas como uma “práxis” com variados graus de reflexividade, conhecimento explícito e conhecimento prático onde

² Limonad 2016, p. 10/11

a experiência está se orientando mais pelas “oportunidades” (passado, presente) do que pelo correr do tempo abstrato.

5. UMA FRASE DE ORIENTAÇÃO PARA UM DEBATE

Sem ter tempo/espço para elaborar mais detidamente nosso pressuposto a respeito da necessidade em incorporar espço e tempo por meio do confronto entre “não-lugares” e “não-tempos”, remetemos ao Quadro 1 onde esta articulação aparece (implícita e explicitamente) nas assume formas diferentes. Se no modo discursivo não aparece a contradições entre diferentes espacialidades e temporalidades e no modo concreto o espço é um elemento constituinte dos conflitos, a abordagem de Boaventura Santos indica um caminho como, por causa do “desperdício de experiências”, o futuro precisa ser *encurtado* e o presente *estendido* para que o não-tempo do passado possa ser recuperado para um *futuro diferente*.

Referências

FORESTER, J. *Critical theory, public policy and planning practice*. Albany: State University of New York Press 1993.

HABERMAS, J. *Theorie des kommunikativen Handelns*. v. I, II. Frankfurt.M.: Surkamp 1981

HEALEY, P. Planning through debate: the communicative turn in planning theory. In F. Fischer, & J. Forester (Eds.) *The argumentative turn in policy analysis and planning*. Durham and London: Duke University Press, 1993

HEALEY, P. Collaborative planning in perspective. *Planning Theory*, 2(2), 2003, 101-123. <https://doi.org/10.1177%2F14730952030022002>

INNES, J., BOOHER, D. E. (1999a). Consensus building and complex adaptive systems. A framework for evaluating collaborative planning. *Journal of the American Planning Association*, 65(4), 412 –423. <https://doi.org/10.1080/01944369908976071>

LEFEBVRE, H. *The production of space*. Oxford (UK), Cambridge, Mass.: Blackwell 1991

LIMONAD, E.. Utopias Urbanas, Sonhos ou Pesadelos? Cortando as Cabeças da Hidra de Lerna. In: XIV Coloquio Internacional de Geocrítica. Las utopías y la construcción de la sociedad del futuro. Barcelona: Geocrítica - Universidad de Barcelona, 2016, p. 1-20.

OLIVEIRA, A. S. Tempo, modo e modalidade: uma análise das modalidades deôntica e volitiva e as noções de futuridade, *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p. 65 - 86, Dezembro/2019

PENNA, M.A. Utopias and Uchronias: present concerns and political usages of the past. *Hist. R.*, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 112–141, mai./ago. 2021

RANDOLPH, R. Superando abordagens colaborativa e agonística do planejamento: caminhos para sua radicalização por meio de ações subversivas. *Cadernos Metropole (PUCSP)*, v. 21, p. 99-117, 2019

SANTOS, B.S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In B.S. Santos (Org.) *Conhecimento prudente para uma vida decente: “Um discurso sobre as ciências” revisitado*. Porto: Afrontamento 2003, http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf

SANTOS, B.S. A critique of lazy reason: Against the waste of experience. In I. Wallerstein (Ed.), *The Modern World-System in the Longue Durée* (pp. 157-197). Londres: Paradigm.2004
[http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/A critique of lazy reason.pdf](http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/A%20critique%20of%20lazy%20reason.pdf)